

Direção de atores

Entrevista:

Rosane Svartman

Josias Pereira

A Revista Orson foi ao Rio de Janeiro entrevistar Rosane Svartman. Fomos recebidos em sua produtora no Jardim Botânico, Raccord Filmes, mesmo sem tempo porque estava organizando seu novo filme “Tainá 3”.

Rosane é cineasta, roteirista e diretora de TV, nasceu em Memphis, nos Estados Unidos. Veio para o Brasil ainda criança e tem formação em cinema pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Em 1990 realiza seu primeiro curta metragem “Moleque”, em 1994 assina o roteiro de “Drão” do episódio do longa metragem “Veja esta Canção” de Carlos Diegues. Já em 1997 lança seu primeiro longa-metragem: “Como ser Solteiro”, o filme venceu os prêmios Especial do Júri e melhor ator (para Ernesto Piccolo) no Festival de Brasília. Svartman dirigiu curta-metragens, videoclipes, além de vários programas e minisséries para TV, entre elas, a série para o canal GNT, “Quando éramos virgens” (2006). Seu longa “Desenrola” lançado em 2010 está em 10º lugar entre as maiores bilheterias do ano de 2011. Atualmente divide suas atividades entre a TV e o cinema.

ORSON - Como foi a direção de atores no início de sua carreira?

Rosane – Os 3 filmes curtas são de escolas e foram feitos durante a faculdade, “Moleque” (1990) , “Eros” (1991) e “Brasílian Boys” (1991), todos os 3 tem direção com outras pessoas, então tudo era uma descoberta, não só a direção de atores, mas também onde coloca a câmera , qual vai ser a cara, qual será a arte e tal. E os 3 são muito experimentais, são mais filmes de sensação e de uma brincadeira. Mas tanto o “Eros” quanto o “Moleque” são filmes muito instrumentais, então em todos os sentidos, eu acho que não tem uma coisa específica sobre direção de atores. Na verdade, eu acho que as descobertas e as possibilidades de experimentar que foram interessante, sabe o faz assim, faz assado, coloca a câmera em cima, coloca a câmera de baixo, vamos usar reverso, vamos usar dupla exposição, tinha esta brincadeira. Experimentar.

ORSON - Você se preocupava mais com a técnica ou com os atores?

Rosane –Acho que um pouco de tudo. O primeiro filme que eu fui me preocupar com ator foi o “Brasílian Boys”, porque tinha personagens engraçados, eram caricaturas de garotos brasileiros, então tinha esta preocupação com os atores, e foi crescendo. Lembro que na época tinha o prêmio “Atlantic de vídeo” e eu ganhei junto com a Fabiana que fez comigo o “Brasílian Boys” e trabalhamos juntas até hoje. Foi o primeiro trabalho audiovisual com fala, com diálogo, acho que veio aos poucos a coisa com a direção de atores, como veio aos poucos tudo o que tem a ver com a direção de um filme. Acho que filme de escola é legal, porque é a oportunidade de você experimentar, isso de você pensar todos estes ingredientes, um deles é a direção de atores, porque não é uma coisa assim, é um experimentar. O “Moleque”, por exemplo, era sobre um palhaço urbano moderno, então chamamos um cara que era o Geraldinho que é um palhaço e ficamos vendo e dando idéias de coisas que ele poderia fazer em um ambiente urbano e foi bem divertido.

ORSON - Como era fazer curtas na sua época de estudante?

Rosane –Quando eu estava na Universidade Federal Fluminense era muito difícil fazer o primeiro curta, era muito difícil realizar alguma coisa. Tinha uma câmera que enfim não dava pra usar fácil, poucas pessoas tinham câmera era VHS, na época fazer um curta em 16mm era difícil e caro, tinha que conseguir permuta, tinha que conseguir coisa emprestada tinha uma produção grande envolvida . A gente pensava muito antes de fazer.

Foi na época do governo Collor¹ que eu me formei e teve todo aquele problema com o cinema na época, mas como todo o material tava parado, não era fácil, mas era possível conseguir câmera emprestado, resto de negativo de comercial, pessoas, moviola parada, então tinha este lado que dava certas facilidades pra fazer os curtas, por outro lado eu acho que a facilidade e os recursos hoje , e as facilidades tecnológicas de captação possibilitam você a se exercitar mais pra qualquer lado seja, linguagem, seja direção de atores, que antigamente. Mas talvez o primeiro curta realmente com ator, o primeiro trabalho realmente com o ator, foi em 95, “Anjos Urbanos”, por causa do concurso da Rio Filme. Eram duas atrizes que tinham uma história de amizade, morte e traição. As personagens eram muito

¹ O Governo de Fernando Collor 1990 – 1992 extinguiu a Embrafilme e o Concine.

diferentes, uma era meio Yin-Yang, mas na verdade, no fundo, elas eram iguais. Tinha um pensamento de que, a coisa mais importante do curta eram as atrizes, são as atrizes. Esta foi a primeira vez que eu parei e me preocupei realmente em dirigí-las, em pensar como seria, o que seria legal e tal, porque os outros curtas eram mais sensoriais sabe? Mas por outro lado, eu acho que a facilidade dos recursos hoje, as facilidades tecnológicas de captação, lhe possibilitam se exercitar mais pra qualquer lado. Seja a linguagem ou a direção de atores.

ORSON - Quando você escreve já pensa na direção de atores ou só pensa na história e no roteiro?

Rosane – São coisas bem diferentes, lembro que “Confissões de Adolescente” veio do “Drão”, porque era a mesma produtora que produzia e eu e a Fabiana já estávamos lá dentro mesmo. Então quando a gente vendeu o roteiro, quando o Cacá comprou o Drão, que foi muito legal, (Nossa foi muito comemorado!), então eu e a Fabiana pedimos pro Cacá pra trabalhar no filme de alguma forma, ele perguntou o que eu queria fazer, falei que queria dirigir e ele me botou pra fazer elenco e a Fabiana, queria fazer direção de arte e ele botou ela pra ser contra-regra. Foi uma grande oportunidade que ele deu pra gente, porque foi uma forma de ver o set e o Cacá dirigindo. É claro que quando escrevi pensei na direção, lembro que encenava enquanto criava, sempre gosto de fazer os diálogos em voz alta quando você tá escrevendo com alguém, fiz com a Fabiana e a gente pensava como a personagem ira fazer os gestos a voz, e quando no set víamos o Cacá dirigindo foi engraçado. Já em “Confissões de Adolescentes” eu não fui na filmagem só escrevi mesmo mas é um prazer ver depois como tinha ficado, era uma surpresa.

ORSON - Você falou que você escreve e depois você fala em voz alta?

Rosane – Quando os diálogos são cotidianos, quando são coloquiais, quando não é um filme nem de época, nem caricata pro bem ou pro mal sei lá, quando é pra ser um diálogo cotidiano coloquial eu gosto de falar, em voz alta, às vezes porque você vê se tem embocadura aquele diálogo, você vê se aquilo tá funcionando.

ORSON - Mas essa narração acontece na criação ou depois do roteiro pronto?

Rosane – Fazendo mesmo, porque as vezes o verbo certinho não é como, a gente às vezes fala: “a gente vai”, e não falamos: “vamos”.

Então este tipo de coisa ajuda na criação do personagem.

ORSON - E depois disso, do roteiro fechado, a direção acompanha esse modo que você pensou ?

Rosane –Na verdade a direção não acompanha porque entram os atores e aí você procura ver o que é que fica confortável pra eles, como é a embocadura deles, o “Desenrola”, tem muitos atores jovens, eu gostava de colocar as gírias deles, o jeito que eles falam.

ORSON - No filme “Como Ser Solteiro” você trabalhou com atores como Heitor Martinez, Ernesto Piccolo, Marcos Palmeira, Isabela Garcia, Fernando Gabeira, Lília Cabral, Toni Garrido, Tônico Pereira, Evandro Mesquita, Rodrigo Santoro, Antônio Pitanga, Bussunda dentre outros, como foi a relação com eles?

Rosane – Esse filme foi depois do curta “Anjos Urbanos” que tinha uma direção legal. Então eu já tinha passado pela experiência de ver o Cacá filmar “Veja Esta Canção”, já estava fazendo comercial, já estava escrevendo uma série que o Marco Altberg dirigia, que era “Mangueira, amor à primeira vista” com a Julia Lemertz, então já tinha base, já tinha visto outros diretores dirigindo, tinha realmente exercitado também a direção de atores em alguns curtas. Todo mundo que trabalhou no “Como Ser Solteiro” foi muito generoso, até porque eu não tinha quase nenhum dinheiro, e eles me deixaram experimentar o “vai pra lá, vamos ver isso, vamos ver aquilo, essa cena tinha que ser assim, entende...” , e então foi muito bacana.

ORSON - Quando você convida um ator para os seus trabalhos, como você faz para ele entender a sua visão e tentar unir os atores no roteiro?

Rosane – Acho que realmente as coisas se juntam, quando você chama um ator para um papel você já acha que aquele ator tem a ver com aquele papel, e realmente tem, o ator traz ideias, sugestões, é uma questão de conversar e falar, e experimentar: “vamos por aqui, vamos por ali...”, a vantagem também de quando você tá gravando é que você pode fazer um take de um jeito e se realmente ficou pesado demais, vamos pra outro lado, da pra ir mudando, mas geralmente nos ensaios que são um momento de experimentar, destas conversas acontecerem.

ORSON - Como são os seus ensaios?

Rosane – Depende muito, o “Ser Solteiro” a gente ensaiava lá dentro da produtora mesmo, porque era um apartamento, uma permuta de um dos apoiadores e a gente ficava lá passando o texto, ensaiando, fazendo coisas. O Ernesto, que faz o Cláudio, me ajudou a ensaiar os atores porque eu tinha pouco tempo pra produção, ele fez uma preparação de elenco e depois eu entrava e a gente conversava. O “Desenrola”, como eu tinha mais tempo e como eram adolescentes eu queria muito trazer a vivência deles pra dentro dos personagens, então realizamos longos ensaios. E no filme Tainá eram crianças e a gente também teve o preparador de elenco que foi o Claudio Barros. Então cada filme foi de um jeito, eu acho que a passagem é a mesma, é sentar na mesa, passar cena na mesa ai levantar pensar algumas coisas, algumas marcações que depois funcionam ou não na locação. O Desenrola teve uma vantagem que algumas locações foram nas casas da filmagem, então a gente já ensaiava no lugar mesmo.

ORSON - Como é a sua relação com uma preparação de elenco?

Rosane – Eu tive dois filmes com preparador de elenco e dois sem. Em um deles o Neco foi essencial no filme “Mais uma vez amor” (2005), porque eu tinha pouco tempo, então quando você tem pouco tempo de preparação, você não pode dedicar todo aquele tempo aos atores, tem que ver locação, decupar o filme, aprovar figurino, aprovar cenário, são coisas que demandam muito tempo, então ter ele lá que é uma pessoa que já me conhecia que eu conhecia, que a gente já tinha discutido roteiro. Se não, não teria dado tempo. Agora no caso do filme Tainá 3, o Cláudio Barros foi uma figura essencial, porque primeiro no set, com as crianças ele preparou as crianças durante meses antes de eu chegar e acompanhar os ensaios, até para elas entenderem do que se tratava o roteiro, o que eram aquelas cenas, o que significavam aquelas falas e ele foi muito esperto, porque em vez de fazer elas decorarem as falas, ele fazia elas brincarem nas cenas, então quando eu cheguei as crianças já sabiam que iam brincar na maioria das cenas do roteiro. Barros também ajudou a fazer com que o set fosse uma continuação desta brincadeira, e é claro que eu falava, não, olha isso aqui ficou muito falso, isso aqui não sei o quê. A gente se entendia muito bem, foi uma simbiose muito boa, mas sem ele não teria acontecido.

ORSON - Como é que você faz, você passa pro preparador o que você deseja ou você deixa pra ele preparar do jeito dele e depois você assiste?

Rosane – É uma conversa complicada, o Cláudio sugeria muitas coisas, eu falava não é por aqui, ou adorei isso, às vezes ele mandava algumas cenas que ele brincava com as crianças e não tava no roteiro e eu mandava pra roteirista e pedia pra ela incluir. Ele me trazia algumas descobertas, ele falava: “olha então tava aqui eu descobri conversando com a indiazinha que faz Tainá e tal, que ela adora subir em pé de açai, que ela sobe em pé de açai com 20 metros”, eu falei “nossa esta cena a gente precisa incluir”, então o Cláudio trazia várias descobertas pela oportunidade que ele tinha de convivência com as crianças e que eu não tive, porque eu tava trabalhando 40 mil outras coisas relativas ao filme.

ORSON - Trabalhar com atores novatos como foi o caso do filme “Desenrola”, você acha que tem muita diferença?

Rosane – Eu acho que o ator que vai fazer cinema, ele sabe que vai ficar horas para fazer uma cena, talvez ele não ganha tão bem quanto ganha em outras mídias, então ele já vai topando esse artesanato que é pra você fazer um filme, tem esse tempo de espera. Até hoje geralmente os atores mais experientes que eu cruzei fazendo cinema já tão lá porque já sabem, já tem esta generosidade que o tempo do cinema demanda, então eles já estão lá porque eles gostam de fazer cinema, porque eles têm o prazer em estar ali, então eu nunca enfrentei nenhuma grande dificuldade, não.

ORSON - Como é a escolha do elenco pra você?

Rosane – Depende, quando você chama um ator conhecido, você já chama ele, porque imagina ele fazendo aquele papel, agora quando você faz teste de elenco é porque você tá buscando personagem, por exemplo, os adolescentes do “Desenrola” eu tava fazendo teste de elenco eu não conhecia nenhum deles. Foram centenas de atores, eu estava buscando um personagem, é claro que você nunca acha um personagem perfeito, mas acha alguém que contribui pra aquele personagem ser melhor ainda. É você buscar o personagem, e não ver se aquele cara tá atuando bem e sim se ele é o Boca ou se ela é a Priscila, se aquele ator vira o seu personagem.

ORSON - Como foi o ensaio com os atores do “Desenrola”?

Rosane – Muito ensaio, o grande desafio do filme era fazer com que

aquele frescor que eu via fora da cena acontecesse na tela, então a estratégia era não deixar o fato de fazer um filme ser muito grande, a gente ensaiava muito e o set era uma continuidade dos ensaios , pra não deixar eles nervosos, ansiosos e deixar que eles mudassem o dialogo, ou o que fosse preciso para eles parecerem naturais na tela , este era o grande desafio, não perder a inocência do ensaio em função dos equipamentos, câmera, luz etc.

ORSON - Você trabalha com a visão do personagem, você tenta buscar isso neles, você tem uma técnica pra isso ou você vê o que ele traz e trabalha em cima?

Rosane – Às vezes os ensaios viravam uma conversa e na conversa eu falo: você já passou por alguma coisa assim? Ai o cara contava e falava e você pegava uma frase que era legal ter na cena, um sentimento que era legal ter na cena, às vezes a gente fazia pequenos laboratórios com a Priscila (Olívia Torres) realizamos alguns. Com a personagem Tize (Juliana Paiva), que fica grávida, a gente chamou uma garota que ficou grávida na adolescência, então teve todo um trabalho de tentar achar na vivencia deles ou na vivencia de pessoas pelas quais eles se identificassem nos momentos do filme.

Orson - O laboratório você acha que para estes atores é importante?

Rosane – Foi importante sim, até para eles acharem de onde tirar, em quem se espelhar, para não ficar algo vago. A Juliana é uma adolescente, ela nunca engravidou, como é que ela pode saber o que é isso se não entrevistando, pesquisando, perguntando, observando ela não tinha esta experiência na vida dela , mas ela precisava saber de onde tirar, o que significava aquilo na vida de uma adolescente eu ajudei ela a tentar descobrir isso as emoções de ser adolescente.

ORSON - Esta menina grávida que você convidou para laboratório, como foi ?

Rosane –A Rafa é a menina que ficou grávida na adolescência, ela achou o diário dela, da época da gravidez. Sentamos eu, ela e a atriz Juliana, que é a atriz que interpreta a Tize e conversamos muito sabe o assunto. Rafa trouxe muitas coisas e deu umas idéias e fomos dentro do possível e do artístico incorporando. Lembro que reparei que quando ela tava contando a historia pra gente ela não conseguia olhar no olho, então a Juliana trouxe isso pra cena, então quando ela tava falando com a Priscila ela não consegue olhar no olho, ela mexe, então a gente traz a coisas que foi observando nos laboratórios e ensaios.

ORSON - Depois que você realiza o ensaio, você faz a decupagem de direção? Como surge essa relação Plano / ator?

Rosane – Às vezes ela surge na locação, às vezes ela surge no ensaio, é uma mistura, tem uma locação que só tem um lado pra botar a câmera, então você tem que movimentar os atores em relação a câmera, mas eu geralmente gosto de movimentar a câmera em relação aos atores, tipo se é natural pra gente estar aqui sentado, eu vou colocar a câmera pra documentar isso, eu não vou colocar você mais pra cá, eu procuro colocar a câmera em relação aos atores, e não os atores em relação a câmera , mas nem sempre é possível, pois as vezes tem uma locação que não deixa você fazer isso.

ORSON - Alguns alunos reclamam de atores que participam dos curtas, alguns têm até “medo” de trabalhar com os atores. Qual a recomendação que você daria para os alunos de cinema, em relação aos atores.

Rosane – A dica é deixar o ator trazer, deixar o ator falar, não falar faz assim, assim , assim, deixar ver o que o ator trouxe, ainda mais curta. O ator está lá provavelmente voluntário, ouça o que o ator tem a dizer e veja o que serve ou não pra sua cena. Mas a minha dica seria ouça os seus atores. Ouça o que eles tem a dizer, e é claro que os atores não são a palavra final, veja o que você pode absorver dentro da sua ideia.